

os peixes
não falam



apresentação

Os Peixes Não Falam

é uma obra teatral criada para o público da primeira infância (0 a 5 anos) e o público de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), fruto do encontro entre a companhia brasileira **Primeiro Olhar** e a companhia francesa **Théâtre de Cuisine**. Com duração de 40 minutos, o espetáculo conduzido pela atriz e cantora **Clarice Cardell** propõe um percurso poético pelos objetos e pelos primeiros sinais de linguagem humana.



o encontro entre Primeiro Olhar e Théâtre de Cuisine

origem
do projeto



O projeto nasce do intercâmbio entre Clarice Cardell, da companhia Primeiro Olhar (referência no Brasil em artes para a primeira infância), e Katy Deville, diretora da companhia Théâtre de Cuisine (referência mundial em teatro de objetos). Em 2023, com apoio do Instituto Francês e da Embaixada da França, Katy realiza uma oficina em Brasília, que desperta o desejo de uma criação conjunta.

Em 2024, Clarice viaja a Paris para o Festival Premiers Rencontres, onde as artistas aprofundam suas pesquisas. A primeira etapa de ensaios ocorre em dezembro de 2024, com apoio do programa Conexão Cultural da Secretaria de Cultura do DF, na Friche la Belle de Mai (Marselha), com participação da musicista Fernanda Cabral. A estreia está prevista para agosto de 2025, no XI Festival Primeiro Olhar, quando a diretora Katy Deville virá para os últimos ensaios no Brasil e acompanhar a estreia da obra.

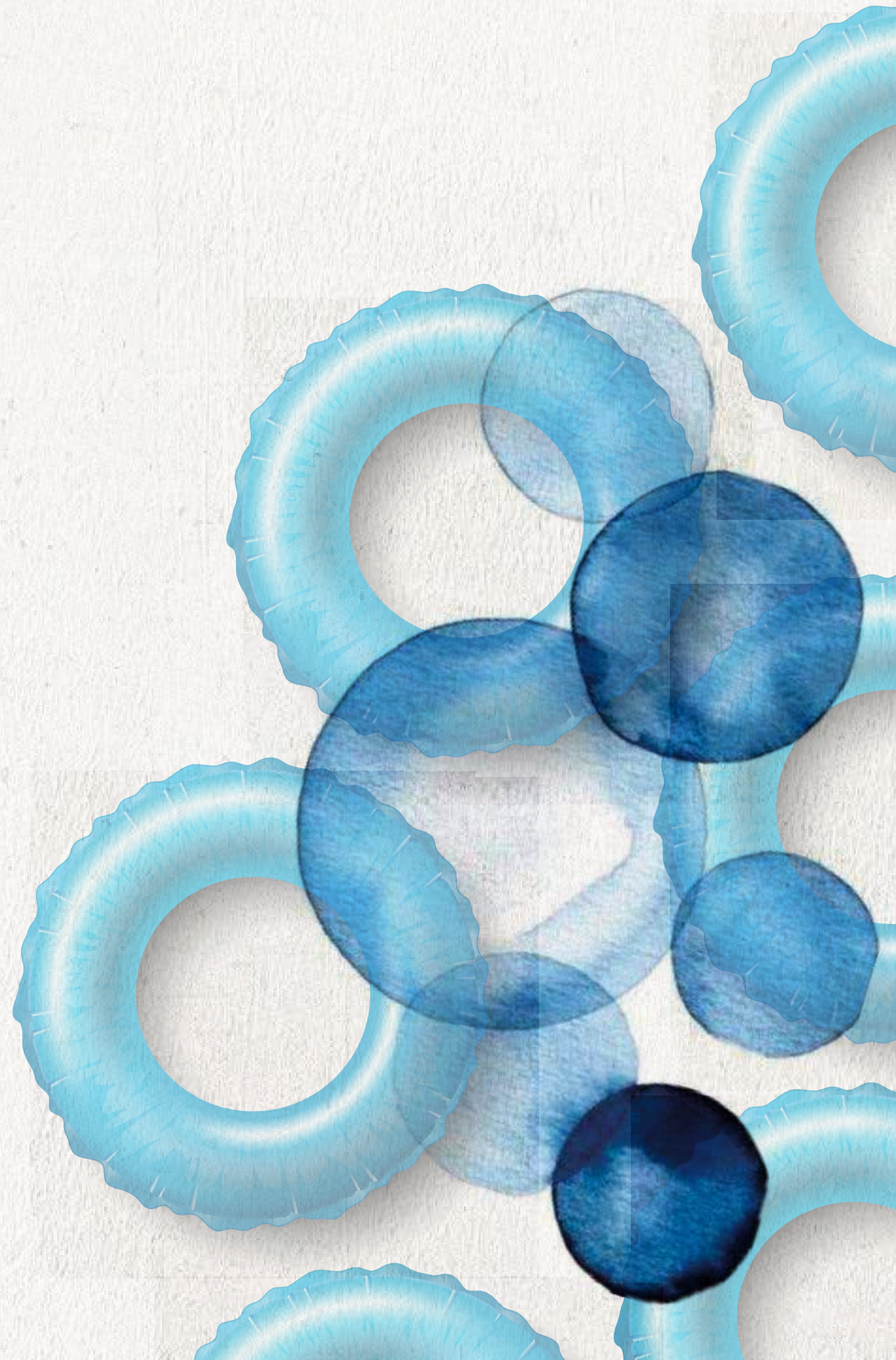
O projeto também contou com a colaboração da psicanalista baiana Claudia Mascarenhas, referência nacional no campo do autismo e da psicanálise nos primeiros anos, que acompanha todo processo de criação da obra no intercâmbio de bases teóricas que acompanham o projeto, assim como na adaptação da obra para crianças autistas (TEA), contribuindo com sua escuta clínica e sensível às infâncias neurodivergentes.

espaço e som

A obra propõe uma criação sonora imersiva, com sons do útero, batimentos cardíacos, murmúrios e vocais gravados da atriz. Esses elementos se fundem em canções líricas que evocam o surgimento da linguagem. A atriz percorre esse universo sonoro, atravessando partituras de balbucios e canções.

No cenário, 16 boias de diferentes cores e um grande plástico constroem paisagens visuais em constante movimento, onde pequenos objetos dialogam poeticamente com o ambiente.

Trata-se de um universo visualmente simples e minimalista, concebido com poucos elementos para evitar a sobrecarga sensorial — especialmente pensado para acolher crianças autistas (TEA) com sensibilidade ao excesso de estímulos.





dramaturgia



cena um
o mundo vem primeiro



Introdução ao "mundo uterino": o pré-mundo, o antes do vazio, o antes de tudo.

Uma mulher com um inflador constrói o mundo. Embaixo de um grande plástico, ela baila.

O simbólico vem antes, como se um mundo nascesse dentro do mundo.

Vemos o mundo de fora, em construção. Um mundo nasce dentro de outro. A música marca a transição e o mundo se torna o centro.

cena dois

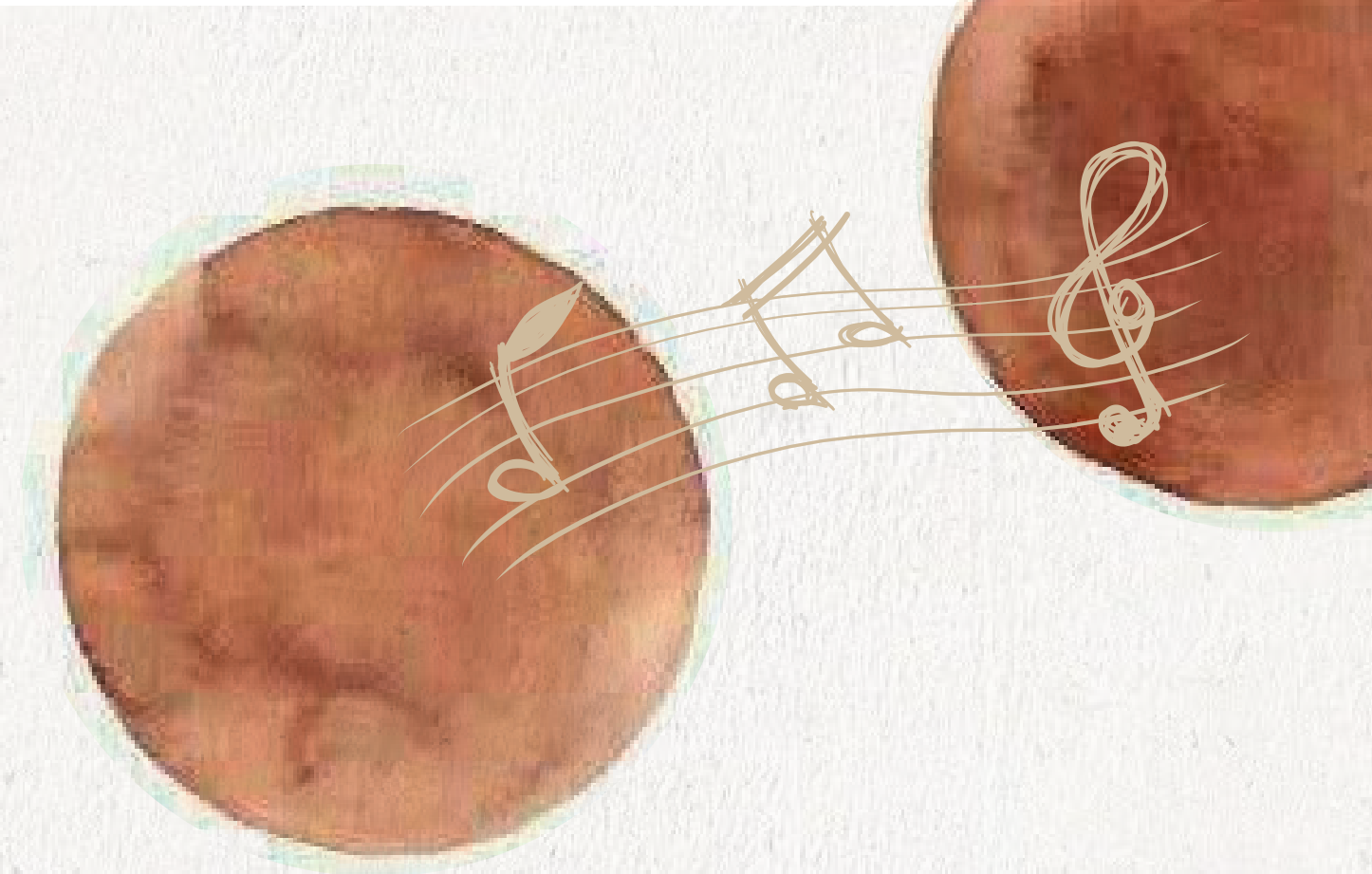
o mundo do bebê - lactação



Uma boia transparente cheia de leite representa o mundo.
A atriz dança com essa boia cheia de leite. Ela suga e respira.
O bebê cria a mãe, infla a mãe, faz crescer a mãe. Ele se alimenta do mundo que é a mãe — e a mãe é criada nesse mesmo processo.
A água conduz a cena para dentro do mundo.
A satisfação inaugura a relação simbólica entre bebê e mundo.
Pronto! Repousa, meu filho, o mundo é para você. E se embola, porque o mundo é vasto. Deixa-te levar pelo rio do mundo.
O bebê vive o mundo e ri com ele.
A boia é o movimento contínuo entre o bebê e o mundo.

cena três

a terra e o som



A atriz dança com duas boias transparentes cheias de terra.

Uma partitura de percussão com as boias e sons de balbucios invade o espaço.

O bebê passa a se alimentar de alimentos da terra. O pensamento da terra. O bebê sai do mundo da lactação e começa a comer os alimentos da terra.

O som é corpo, toque, presença.

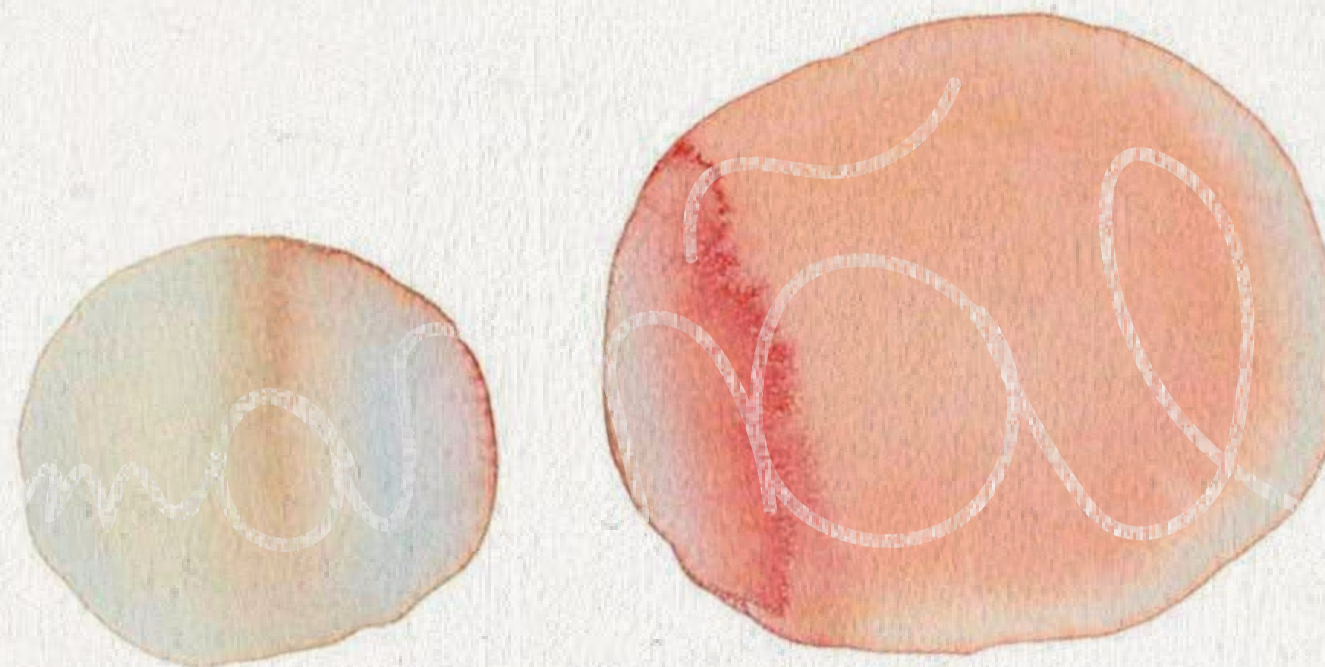
A cena da cena no mundo. O bebê age no mundo. Experimenta. Se segura. Escuta o mundo — e faz o mundo ter som.

O bebê cria o mundo dos sons.

O som entra no mundo e o ritmo embala a vida do bebê no mundo. O bebê controla o pensamento e o mundo. Controla as boias e os sons. Sente medo também do seu poder de fabricar seu próprio mundo. Descontrola — e o mundo canta para ele. Ele presta atenção.

Ele canta o mundo.

cena quatro a primeira palavra



A atriz experimenta o som da primeira palavra: "mamãe" — esse som que nasce do ato de mamar, que é mãe.

Mamãe , em português. Mamma em italiano. Maman em francês. Mommy em inglês. Mutti em alemão. Eomma em coreano. Mama em árabe, grego, russo, polonês, tcheco, japonês, turco, indonésio.

Todas essas palavras compartilham uma raiz sonora comum — como se o mundo inteiro começasse por essa mesma boca, esse mesmo som, esse gesto inaugural.

É a voz da mãe que contorna, que delimita, que desenha o “eu”.

O bebê e seu mundo: o ar que sai de seu peito se transforma no som do apelo, contínuo, urgente...

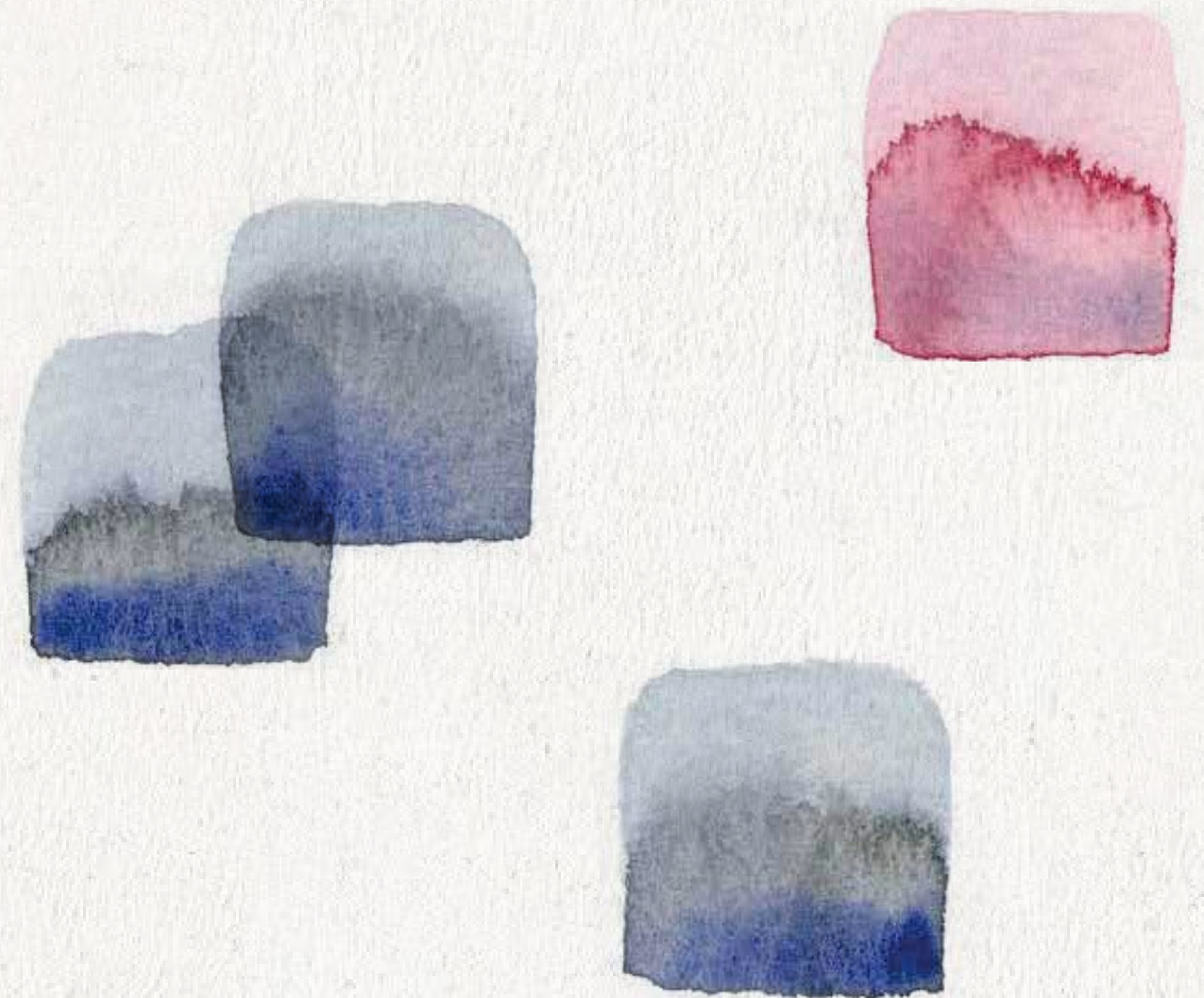
maaaaaaa maaaa maaaaaaa...

Seu corpo é esculpido pela potência desse apelo — e pela resposta que ele provoca.

O umbigo, a boca, a palavra eu.

Ele canta o mundo.

cena cinco
quem sou eu?



A atriz encontra várias fotos e brinca com elas em um jogo visual com imagens fragmentadas.

Fotos de animais e da própria atriz se sobrepõem. É um jogo de desmontar e remontar o “eu” — corporal e simbólico.

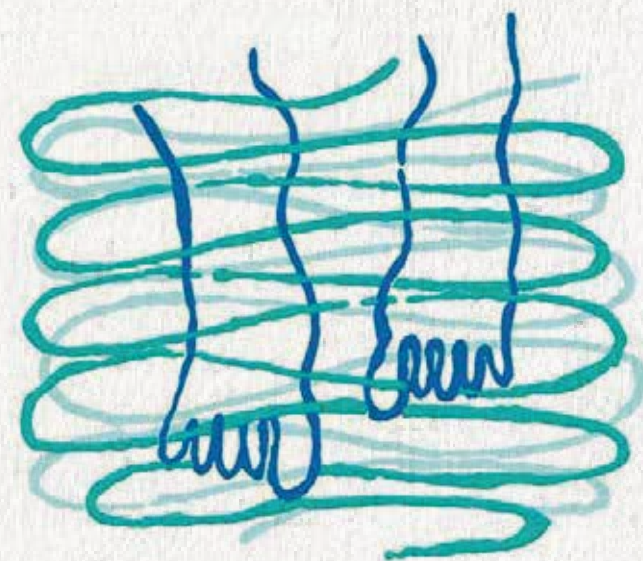
O corpo brinca, o “eu” vibra.

Os pedaços do eu se experimentam, se olham. O eu fragmentado pergunta: como irá se juntar? Os hemisférios do corpo, a assimetria do corpo. Eu é corpo.

O corpo brinca — e o eu vai junto. Vibra.

cena seis

coreografia dos gestos



A atriz realiza uma coreografia com três gestos essenciais.

Três gestos que antecedem a palavra: o “não”, o pedido de colo e o tchau — sempre em diálogo com a voz em off da mãe.

A palavra no mundo. O eu que a pronuncia. Tudo que não é eu, é não.

Tudo que é não, não é eu.

A potência do não é a formação do eu.

O não indica o eu.

Preciso do não para ter um eu. Tudo que não é eu, é Outro.

O não é o Outro.

Entre o eu e o não, há o tchau —
é com ele que me separo do Outro.

cena sete

as paisagens mentais



A descoberta do “não” como palavra — e seu poder de pausa.

A cena começa no instante em que o bebê descobre o poder do “não”: a palavra que faz a música parar.

Surge a palavra, agora com seus significantes. Nascem as palavras-objeto dentro das boias: cachorro, peixe, carro, sapato, mamadeira, barco, casa.

Duas boias se combinam — e viram poesia. A criança, seu pensamento e a poesia. A criação desse espaço entre o eu e o Outro abre a poesia da vida. A criança pensa e cria. Cria e pensa.

O mundo sempre esteve ali, desde o começo — mas agora ele circunda a cena. A separação entre criança, mãe e mundo forma as frases.

A potência da fala muda o mundo — e cria uma nova mãe: a mãe que ouve a poesia da criança. Sua invenção.

Antes, era o mundo dentro do mundo. Agora, é a mãe dentro da criança.

Sim — ela já pode voar.

Já pode criar. Já pode falar...

cena final



Poema Final

*O peixe é o silêncio do rio
O cachorro é o latido vazio Mamadeira é o começo do choro A casa
é o canto seguro
O sapato é a sombra do pé
O carro vai pra frente e de ré
O barco é a saudade do chão
A palavra é o cimento da canção*

As boias se colocam no espaço e as crianças são convidadas a entrar no espaço e brincar

Letra da Canção Final

*quem eu era
quando eu não era
quem me pensou
quem me sonhou
quem me desenhou
ante da palavra
ante do nome
ante do som
quem eu fui
ante do ser
quem sussurrou
meu primeiro querer
quem era eu
no silêncio do ventre quando nasce a palavra quando é que se cala?
onde mora o começo? onde escorre o fim?
onde cabe a memória
que nunca dorme em mim?*



uma obra para crianças autistas

A obra Os Peixes Não Falam foi especialmente adaptada para o público autista na primeira infância (TEA), em parceria com a psicanalista Claudia Mascarenhas, referência nacional no campo do autismo e da clínica com bebês e crianças pequenas.

A peça, que trata com delicadeza e poesia do surgimento da linguagem, ganhou uma versão sensorial e acessível, pensada para respeitar os tempos singulares de cada criança. Ao abordar o universo simbólico do “não dito” e das primeiras palavras, Os Peixes Não Falam convida o público infantil a vivenciar uma experiência estética que parte do corpo, do gesto e da escuta.

A proposta dessa adaptação é oferecer um ambiente acolhedor, lúdico e sensorial, sem imposições, em que as crianças possam explorar, se expressar e se relacionar com a linguagem de maneira segura e espontânea.



A versão adaptada para crianças TEA contempla os seguintes princípios:

1. Ambiente sensorialmente acolhedor

• Iluminação suave, sem efeitos estroboscópicos ou bruscos. • Paisagem sonora calma, com trilha contínua e sem ruídos agudos. • Cenografia com cores suaves, formas orgânicas e texturas táteis. • Estímulos visuais, sonoros e físicos controlados e harmonizados.

2. Liberdade sensorial e de movimento

• Crianças podem circular, explorar e escolher como interagir.
• Espaços de acolhimento com tecidos, almofadas e texturas.
• Nenhuma imposição de contato físico — todo vínculo é respeitoso e gradual.

3. Ritmo lento e estrutura previsível

• Transições suaves entre cenas e ações.
• Narrativa simples, com gestos repetidos e cenas cíclicas. • A previsibilidade ajuda a criar segurança e engajamento.

4. Equipe sensibilizada e preparada

• Elenco e mediadores preparados para lidar com comportamentos diversos sem julgamento.
• Abertura para adaptar a cena em tempo real com escuta ativa às reações da plateia.

5. Linguagem visual e corporal como base da dramaturgia

• Poucos diálogos verbais e valorização do gesto e da imagem.
• Utilização de objetos, luzes, sons e movimentos como formas de expressão. • Música, vocalizações e imagens poéticas que comunicam além das palavras.

6. Vínculo afetivo por meio da escuta e repetição

• Repetição de ações como forma de comunicação afetiva.
• Presença sensível da intérprete, com escuta e atenção ao tempo de cada criança.

7. Mediação prévia e posterior

Disponibilização de materiais antecipatórios visuais (fotos do espaço, artistas, objetos).
• Possibilidade de interação livre com o espaço e os elementos da cena ao fim da apresentação.





An abstract watercolor splash on a light beige background. The splash consists of several overlapping washes of color, including light blue, medium blue, and a dark, almost black, central area. The edges of the splash are soft and feathered, while the center is more saturated and textured. The overall shape is roughly circular but irregular, with some darker, more concentrated areas of color.

equipe artística

Katy Deville

direção e dramaturgia



O Katy Deville é cofundadora do Théâtre de Cuisine, uma das companhias pioneiras no teatro de objetos, ao lado de Christian Carrignon. Fundada em 1979, a companhia foi criada com o objetivo de libertar o teatro das convenções literárias e das marionetes tradicionais, utilizando objetos do cotidiano como protagonistas de suas histórias. Deville cunhou o termo "teatro de objetos", ajudando a estabelecer um novo gênero teatral que mescla poesia e humor, transformando objetos comuns em narradores de narrativas complexas.

Ao longo de mais de quatro décadas, o Théâtre de Cuisine, sob a liderança de Deville, criou mais de trinta espetáculos, com grande repercussão na França e internacionalmente. Katy Deville também desempenha um papel essencial na formação de novas gerações de artistas, transmitindo seu conhecimento sobre o teatro de objetos. A companhia, baseada na Friche Belle de Mai em Marselha, é reconhecida por suas contribuições inovadoras e pelo apoio contínuo à criação e desenvolvimento de novas expressões teatrais.



Clarice Cardell

atriz e cantora



A atriz brasileira trabalha há mais de 20 anos, com sua companhia teatral Primeiro Olhar, e anteriormente La Casa Incierta, na pesquisa e criação de teatro

para a primeira infância, tendo criado mais de 16 espetáculos para este público

específico.

Clarice talvez seja uma das atrizes mais experimentadas na atuação para crianças

de 0 a 3 anos no mundo, tendo realizado nos últimos 20 anos mais de 2000 apresentações em diferentes cidades do Brasil e Espanha, e países como Rússia, Bélgica, França, Itália, Portugal, Holanda e Martinica.

Fernanda Cabral

composição musical



Em quase duas décadas trabalhando como cantora e compositora, Fernanda Cabral construiu sólida carreira internacional na Europa e Japão, realizando shows no Midem-Cannes, BlueNote-Tokyo, GalapaJazz, Sónar-Barcelona, entre outros.

Paralelamente, desenvolve há mais de 20 anos trabalhos como atriz e musicista no campo das artes e da primeira infância, tendo Mestrado na Universidade de Brasília, sobre os processos musicais nos primeiros anos, e desenvolvendo em hospitais públicos, com formação de Musicoterapia, a pesquisa da música para bebês pré-maturos.

Claudia Mascarenhas

psicanalista . autismo na primeira infancia



Em Pos doc na Universidade Federal a Bahia, Instituto de Saúde Coletiva, grupo FASA ,Doutora em Psicologia Clínica pela USP SP (2010). Mestre em filosofia da ciência pela UNICAMP (2003). Graduação em Psicologia pela UFBA (1989). Fundou o Instituto Viva Infância (OS) atualmente é diretora clínica. Membro Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) e coalizão brasileira pela inclusão e CIPPA. Criadora do Podcast, Papo de Criança. Participou da construção do Marco Legal Primeira Infância, PLC 14/2015. Consultora do Ministério da Saúde para elaboração do documento "linhas de cuidados para a atenção à pessoa com espectro do autismo e sua família na rede RAPS" (2012). Foi Consultora do Comitê de assessoramento e implementação das políticas públicas para o Autismo pelo Ministério da Saúde. Foi 8 anos supervisora de CAPSi pelo Ministério da Saúde. Co-criadoras do Movimento Psicanálise autismo e saúde pública MPASP. Publicou os livros: "o bebê não vive numa bolha", org. Editora contra corrente, 2021. "Psicanálise para aqueles que não falam? A imagem e a letra na clínica com o bebê", instituto Viva Infância, (2011); " A criança em cena: o infantil e a perversão", ed. casa do psicólogo (2007). Foi Diretora da coleção de livros Primeira Infância, casa do psicólogo." o menino polvo", ed. Zagodoni, 2021. Co-criadora da exposição "Cartas d'agua"com participação infantil, juntamente com Rose Lima dir da Casa Rosa e Selma Maria escritora e artista.



necessidades técnicas

Necessidades Técnicas

Idade recomendada: de 6 meses a 5 anos

Duração: 40 minutos

Podemos realizar até 3 apresentações por dia, com um intervalo mínimo de 30 minutos entre cada apresentação.

Número de pessoas em cena: 1

Número de pessoas na turnê: 3

Idiomas disponíveis: espanhol / português / francês / italiano

Exigências técnicas:

Superfície cênica mínima: 6 x 6 metros Necessidade de escuro total e de uma caixa branca Capacidade máxima em creches: 50 crianças

3 recortes (spots) de 1.000 W

10 PC (projectores convencionais) de 1.000 W Mesa de luz

Equipamento de som

Tempo de montagem: 6 horas Tempo de desmontagem: 2 horas

